

IV ENCONTRO DE ESTUDOS
SOBRE CIÊNCIAS E CULTURAS

Literatura e Geografia

– da geografia das palavras
à geografia das migrações

[ORG.]

Isabel Nena Patim (COORD.)

Alcinda Cabral

Isabel Ponce de Leão

Fernando Hilário

Ficha Técnica

IV ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE CIÊNCIAS E CULTURAS

Literatura e Geografia – da geografia das palavras à geografia das migrações

©2009 UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Centro de Investigação

CLCL - Centro de Línguas, Cultura e Literatura /

CECLICO - Centro de Estudos Culturais, da Linguagem e do Comportamento

Comissão Organizadora

Isabel Nena Patim (coord.) [isabelp@ufp.edu.pt]

Alcinda Cabral [acabral@ufp.edu.pt]

Isabel Ponce de Leão [ivaz@ufp.edu.pt]

Fernando Hilário [fhilario@ufp.edu.pt]

Edição

edições Universidade Fernando Pessoa

Praça 9 de Abril, 349

4249-004 Porto, Portugal

edicoes@ufp.edu.pt

www.ufp.pt

Desenho na capa

Fernando Hilário

Design

Oficina Gráfica da Universidade Fernando Pessoa

Impressão e Acabamentos

Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

Depósito legal

308786/10

ISBN

978-989-643-047-4

Catálogo

ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE CIÊNCIAS E CULTURAS, 4, Ponte de Lima, 2008

Literatura e geografia : IV Encontro de Estudos sobre Ciências e Culturas : da geografia das palavras à geografia das migrações / Isabel Nena Patim (coord.)...[et al.]. - Porto : Edições Universidade Fernando Pessoa, 2009. - 538 p. ; 21 cm
ISBN 978-989-643-047-4

Literatura -- Geografia -- Migrações

CDU 82:911

82:314.7

Reservados todos os direitos. Toda a reprodução ou transmissão, por qualquer forma, seja esta mecânica, electrónica, fotocópia, gravação ou qualquer outra, sem a prévia autorização escrita do autor e editor é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.

Índice

15

Mapamundi: La Dimensión Global de la Cultura y la Literatura en Inglés

Jesús Varela-Zapata

23

Geografias do Terror e Migração: Cartografias da Ficção e Crítica Pós-Colonial Contemporânea

Maria Sofia Pimentel Biscaia

35

Geografia, literatura e percepção do espaço

João Luís Jesus Fernandes

59

Álvaro de Campos e Ferreira de Castro: ângulos do sentido de migração

Maria do Carmo Castelo Branco

71

Literatura de Viagem e Etnografia: o lugar entre o real e a ficção

- *Os Pescadores* de Raul Brandão

Álvaro Campelo

83

Museografar o Discurso: quando as palavras migram

Sérgio Lira

99

Entre a ficção e a realidade (a propósito de migrações)

Isabel Ponce de Leão

- 113
Spumi Lupi - Saliva de Lobo
Miguel Miranda
- 121
O livro dos rios ou as águas transparentes da criação
António Joaquim Oliveira
- 143
Cartografias Imaginárias: Identidade e Ruptura em Três Cartas da Memória das Índias de Al Berto
Rui Torres
- 157
à procura de
Maria Luísa Vasconcelos
- 165
Em Torno dos Fluxos Migratórios - Perspectivas sociológicas, filosóficas e antropológicas
Alcínia Noutel
- 175
Europa, Nação e Identidade, em Renan e Ortega y Gasset
Isabel Costa Leite
- 185
“Herboriser sur le bitume”
Paulo Tunhas
- 195
Migração, Diversidade Cultural e Interculturalidade - Estratégias e Políticas de Promoção do Diálogo Intercultural
Natália Ramos
- 221
A literatura, a geografia, a viagem e o outro: Uma abordagem psicossocial
José Soares Martins
- 231
Algumas ideias sobre Mediação sócio-cultural enquanto ferramenta essencial no combate à exclusão social de imigrantes
Pedro Cunha
- 243
A Escola de hoje: uma encruzilhada de migrações
Rosa Bizarro
- 257
Caminhos do saber. Cinco teses sobre a consciência mundial e as literaturas do mundo
Ottmar Ette
- 277
A Reconfiguração da Cidadania: Portugal, Brasil e União Europeia
Paulo Vila Maior
- 305
Discurso Político e Integração de Imigrantes: o conceito de “raça” no Discurso Parlamentar
Cláudia Toriz Ramos
- 319
A Imigração Inclusiva no Programa do XVII Governo Constitucional: entre as ideias e as acções. Uma perspectiva a partir da imigração brasileira
Rui Leandro Maia
- 329
Da Imigração ao Associacionismo - Brasileiros em Portugal
Alcinda Cabral e Márcia Ferreira

343

John Updike e o processo de reescrita: migrações literárias dos clássicos norte-americanos em *Roger's Version*, *S.* e *A Month of Sundays*

Elsa Simões Lucas Freitas

353

Space, Time and Memory in Paul Auster's novel *The Book of Illusions*

Susana Teixeira

361

A *geografictione* da escritora canadiana Aritha van Herk no contexto da Literatura no Canadá

Isabel Nena Patim

399

"Allah in Deutschland?" – representações da comunidade islâmica na revista "Der Spiegel"

Teresa Toldy

419

Geografia das minorias – o caso dos judeus no mundo islâmico

João Casqueira Cardoso

433

O lado certo da vedação

Rui Estrada

439

As Migrações das Palavras

Mário Pinto

459

Movimentos translatórios: questões relacionadas com a travessia de fronteiras linguísticas e culturais em textos publicitários

Sandra Tuna

473

Migrações e Publicidade

Francisco Mesquita, Fernanda Viana, Eduardo Borba

487

Universalidade em *Orpheu*

Fernando Hilário

497

O que fazemos aqui? – Cinema e identidade cultural

Eduardo Paz Barroso

505

A Importância dos Estudos Regionais: contributos para uma Abordagem Regional

Carlos Braga

523

Quem chegou pela primeira vez aos Açores? Os povos marítimos da antiguidade e as navegações no Atlântico

Joaquim Fernandes

RENAN, Ernest (1823-1892) : *Qu'est-ce qu'une nation ?*, 1882. [Em linha] http://ourworld.compuserve.com/homepages/bib_lisieux/nation04.htm [Consultado em 15.06.2008]

RENAN, Ernest (1987). *Qué es una nación?*, *Cartas a Strauss*, Madrid, Alianza Editorial.

Herboriser sur le bitume

Paulo Tunhas¹

Filosofia

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Universidade Fernando Pessoa

1. Benjamin, les villes, l'Europe. Il n'y a sans doute pas, à proprement parler, une réflexion de Walter Benjamin au sujet de l'Europe. Mais il y a une vie - une expérience et un vécu de l'Europe, de l'enfance berlinoise au suicide à Port-Bou. Les écrits autobiographiques nomment les endroits : Berlin et Paris, bien sûr, mais aussi l'Italie - Capri, Naples, San Gimignano, en particulier -, Weimar, la Loire, Marseille, Moscou, Bergen. Les écrits autobiographiques proprement dits, *l'Enfance berlinoise* et les *Images de pensée* nous instruisent sur ses parcours. Mais les villes européennes - surtout Paris, « la capitale du XIXe siècle »² - sont aussi sujet de réflexion théorique. Le Paris de Baudelaire et celui du *Livre des Passages* est objet d'une reconstruction imaginative qui essaye de cerner les mouvements contradictoires de l'acquisition d'une aura et de sa perte. Les villes, en effet, tels les individus et les œuvres d'art, sont susceptibles de porter une aura et de la perdre. Walter Benjamin pratique la *physiologie*³ des villes à sa façon : sous la forme de ce qu'il nomme les images dialectiques⁴.

¹ FLUP. Ce texte a pu être écrit grâce à une bourse de la Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

² O3: 44 ss. On citera les textes de Walter Benjamin en faisant référence à *Charles Baudelaire* (Payot, Paris, 1979; abréviation CHB, suivie du numéro de la page), aux *Écrits autobiographiques* (Christian Bourgois, Paris, 1990; abréviation EA, suivie du numéro de la page), aux *Oeuvres* (3 volumes, Folio/Gallimard, Paris, 2000; abréviation O, suivie du numéro du volume et de la page) et à *Sens unique, précédé de Une enfance berlinoise* (Maurice Nadeau, Paris, 2007, abréviation SU, suivie du numéro de la page).

³ Cf. CHB: 56.

⁴ «L'image dialectique est comme une image qui fulgure », lit-on dans *Zentralpark*, # 33 (CHB : 240), c'est-à-dire une image qui appelle à être fixée et conservée, pour qu'elle puisse briller à nouveau. Quelque part dans les *Images de pensée*, l'image dialectique est associée à l'idée de naissance.

2. Ressemblances, parentés, affinités, contrastes. Comme tout penseur non systématique – ou, du moins, comme tout penseur dont le système n'existe qu'à l'état de fragment –, Benjamin pense par similitudes et contrastes. Les similitudes, les ressemblances, les affinités, sont au cœur de sa pensée, et cela, du moins, à partir de son étude magistrale sur les *Affinités électives* de Goethe⁵. Mais l'écrit sur *La tâche du traducteur*⁶ s'en occupe déjà : l'affinité, aussi bien que le contraste, entre les langues définissent le cadre où la traduction s'opère. Et le texte *Sur le pouvoir d'imitation*⁷ récupère les antérieures thèses sur le langage (cf. aussi *Sur le langage en général et sur le langage humain*⁸) pour les développer dans un sens quelque peu différent. Les notions d'expérience (*Erfahrung*) et de vécu (*Erlebnis*) figurent la paire ressemblance/contraste d'une façon particulière : l'expérience tient à la répétition, au toujours-égal, le vécu à ce qui est unique, nous expliquent les dernières lignes du *Retour du flâneur*. Le vrai flâneur, celui qui se promène dans les villes pour les apprendre (et non pas pour les étudier)⁹, celui qui va « herboriser sur le bitume »¹⁰, doit être sensible – au fond, il se définit par cette sensibilité même – à ce qui est toujours unique, son rapport à la ville est de l'ordre du vécu, de l'*Erlebnis*¹¹.

3. Conservation et destruction. Dans le Château d'Heidelberg, lit-on dans *Sens unique*, la destruction fait voir l'éternité¹². L'esthétique – celle du flâneur, entre autres – doit prendre aussi en considération une autre paire qui n'est pas sans

5 O1: 274 ss.

6 O1: 244 ss.

7 O2: 359 ss.

8 O1: 142 ss.

9 Cf. aussi, bien sûr, la deuxième section de *Le Paris du second empire chez Baudelaire*, CHB: 55 ss.

10 CHB: 57.

11 L'opposition *Erlebnis/Erfahrung* joue aussi un rôle non négligeable dans le refus benjaminien du kantisme et du néokantisme : on n'y trouverait pas de place pour le vécu, la doctrine kantienne ne permettrait que de concevoir un « concept inférieur d'expérience ». Cf. *Sur le programme de la philosophie qui vient* (O1 : 179 ss). Cf. aussi l'opposition entre connaissance et vérité dans le Prologue de *L'origine du drame tragique allemand*.

12 SU: 194.

rapport à l'opposition ressemblance/contraste : celle de la conservation et de la destruction. Benjamin y revient à plusieurs reprises. Prenons le texte sur *Le caractère destructeur* : celui qui possède le caractère destructeur – c'est Brecht, sans doute, qui inspire cette figure¹³, mais Benjamin attribue aussi, à maintes reprises, un tel caractère à Baudelaire¹⁴ – « ne connaît qu'un seul mot d'ordre : faire de la place ; qu'une seule activité : déblayer », et « il n'a nul besoin de savoir ce qui se substituera à ce qui a été détruit » ; ne souhaitant nullement « être compris », il accepte « le malentendu » ; à ses yeux « rien n'est durable », et il « démolit ce qui existe, non pour l'amour des décombres, mais pour l'amour du chemin qui les traverse » ; en effet, il « efface même les traces de la destruction »¹⁵. Les traces, l'habitude de laisser des traces – « Habiter c'est laisser des traces », lit-on dans *Paris, capitale du XIXe siècle*¹⁶ –, sont les ennemis du caractère destructeur. C'est « l'aspect destructeur qui garantit l'authenticité à la fois de la pensée dialectique et de l'expérience du dialecticien », il faut maintenir « la force destructive de la pensée », écrit Benjamin, dans *Eduard Fuchs, collectionneur et historien*¹⁷. Le caractère destructeur connaît pourtant une figure opposée : celle du collectionneur, celui pour qui « les choses se trouvent dispensées de la corvée d'être vécues »¹⁸. Le texte sur *Eduard Fuchs* traite de la figure du collectionneur, mais *Je déballe ma bibliothèque. Un discours sur l'activité du collectionneur* nous offre une image beaucoup plus précise de la pensée de Benjamin : l'existence du collectionneur, ce « physionomiste du monde des choses », occupé de leur perpétuelle renaissance, se déroule dans une « tension dialectique » entre les deux pôles de l'ordre et du désordre, elle implique un « rapport assez énigmatique à la propriété » (le collectionneur vit dans les choses), même à l'encerclement magique des objets – dont la capture est magnifiquement décrite

13 Cf. EA: 180.

14 Cf., par exemple, *Zentralpark*, ## 18, 19, 27 (CHB: 226, 234).

15 O2: 330-332.

16 O3: 57. Cf. aussi O2: 352-354.

17 O3: 188, 193.

18 *Paris, capitale du XIXe siècle*, O3: 57.

dans la *Chasse aux papillons de L'enfance berlinoise*¹⁹. Dans un très beau texte sur la philatélie, dans *Sens unique*, Benjamin parle merveilleusement de la magie des collections²⁰. Le rapport aux villes – et il s'agit bien sûr toujours des villes européennes – se conçoit sous ce double mode de la conservation et de la destruction, dont le rapport dialectique peut être symbolisé par Naples, où, les *Images de pensée* nous l'expliquent, construction et ruine s'indistinguent: l'anamnèse qui travaille *L'enfance berlinoise* dans ses moindres détails joint l'un et l'autre. L'Europe est collectionnable, au sens où, visée par le regard du collectionneur, elle est, pourrait-on dire, au cas où le mot existât, *renaissable*. Il y a une sorte d'anamnèse, d'*Erinnerung*, de l'Europe qui est comme la remémoration de la totalité des noms de ses villes, une totalité scandée par l'opposition entre conservation et destruction, entre remplissement et déblayage, entre compréhension et incompréhension, entre préservation et biffage des traces, entre foi et nihilisme, entre hospitalité, habitation, et inhospitalité, inhabitation, entre ordre et désordre. La remémoration doit pourtant, bien sûr, privilégier le geste de préservation. Elle est, en effet, ce geste même. Collectionner c'est remémorer. Remémorer l'enfouï. La remémoration est une sorte d'excavation délicate, Benjamin nous le rappelle dans un petit texte de *Images de pensée* : pour arriver au vécu < *das Erlebte* >, à l'endroit où sont enfouies les villes anciennes, il faut excaver, arracher les images à leurs contextes antérieurs²¹.

4. **Les noms.** Les villes ont des noms. Et, de même qu'on aime « la femme aimée dans son nom », de même qu'on la « possède dans le nom », selon une expression des *Images de pensée*, on aime les villes européennes dans leurs noms. Il s'agit, selon Benjamin, du plus pur acte d'amour, de l'acte de celui qui aime le langage. Le pur amour du nom est au cœur de la plus profonde pensée de Benjamin, tous ses textes sur le langage nous le disent. Dans *Sur le langage en général et sur le langage humain* on lit : « l'essence linguistique de l'homme consiste en ce

qu'il nomme les choses »²², « le nom garantit que le langage est tout simplement l'essence spirituelle de l'homme », il est « le langage du langage »²³. Le rapport de Dieu et celui de l'homme aux noms n'est pas, bien sûr, le même : « Le rapport absolu du nom à la connaissance ne se trouve qu'en Dieu ; là seulement le nom, parce qu'il est au plus intime de lui-même identique au verbe créateur, est le pur « médium » de la connaissance. C'est-à-dire : Dieu, en leur donnant un nom, a rendu les choses connaissables ; mais c'est dans la mesure où il les connaît que l'homme leur donne un nom »²⁴. Mais l'homme a, tout de même, une position exceptionnelle de ce point de vue : « De tous les êtres l'homme est le seul qui donne lui-même un nom à son semblable, de même qu'il est le seul auquel Dieu n'a pas donné de nom »²⁵. La mauvaise connaissance – le « savoir du bien et du mal », la « connaissance extérieure », « l'imitation non créatrice du verbe créateur » – est « sans nom », elle est « vaine »²⁶ ; on tombe ainsi dans la communication – péché capital (« péché originel de l'esprit linguistique »²⁷) pour Benjamin : « le mot doit communiquer *quelque chose* (en dehors de lui-même) »²⁸, et c'est – comme chez Pascal, Kierkegaard ou Heidegger – « l'abîme du bavardage qui en résulte »²⁹. En dépit de son apparent mysticisme, la thèse de Benjamin est passablement claire : l'amour de la langue interdit la réduction du langage au phénomène communicatif, l'intentionnalité doit être exclue du langage pur, ou, du moins, elle doit être secondaire par rapport à son but principal. Un peu comme une version de la première formule particulière de l'impératif catégorique chez Kant qui dirait : « Agis de telle sorte que tu traites le langage aussi bien dans tes paroles que dans les paroles de tout autre toujours en même temps comme une fin, et jamais simplement comme un moyen ». L'essentiel du langage ne réside pas dans la com-

22 OI: 146.

23 OI: 148.

24 OI: 154.

25 OI: 155.

26 OI: 159.

27 OI: 160.

28 OI: 160.

29 OI: 161.

19 SU: 42-43.

20 SU: 209-213.

21 Il convient de souligner qu'une telle excavation n'est pas une recherche de la genèse mais une recherche de l'origine, pour reprendre la distinction établie dans le Prologue de *L'origine du drame tragique allemand* sur laquelle on reviendra, en note, plus tard.

munication, dans le traitement du langage « seulement comme un moyen » : ce qu'une œuvre littéraire « a d'essentiel n'est pas communication, n'est pas message », lit-on dans *La tâche du traducteur*³⁰ : celle-ci consiste à mener à bien « le passage d'un langage dans un autre par une série de métamorphoses continues »³¹. L'écrit sur *Les affinités électives de Goethe* nous dit aussi l'amour du nom : « Rien ne lie mieux l'être humain au langage que son nom »³² ; et le Prologue à l'écrit sur *L'origine du drame tragique allemand* suggère qu'Adam, celui qui donne les noms, n'est pas seulement le père des noms, mais aussi le père de la philosophie, l'acte adamique de nommer est au cœur de la philosophie. Les noms des villes – des noms donnés par les hommes – sont comme des idées, et les noms des villes européennes forment comme la constellation entre-expressive – on y reviendra – de l'Europe. On aime les villes dans leurs noms, quelquefois même avant de les avoir connues. Les noms des villes ont trait à l'essence spirituelle de l'Europe, ils ne servent à rien – au sens où ils serviraient à quelque chose s'ils avaient une fonction référentielle, communicative du contenu, de la vie propre, des villes –, ils ne sont pas des moyens, ils ont en eux-mêmes la valeur d'une fin. On possède l'Europe dans les noms de ses villes, on la collectionne, on l'a vu, en l'arrachant au temps au travers les noms, en s'appropriant d'elle par l'amour des noms, en encerclant magiquement la totalité des noms. La constellation des noms des villes européennes est l'objet d'émerveillement – promesse de vécu, d'*Erlebnis*, et non pas seulement d'expérience, d'*Erfahrung* – du physionomiste de l'Europe, pour adapter l'expression antérieurement citée de Benjamin. Une telle constellation est la carte imaginaire d'un non moins imaginaire *flâneur* européen, qui conçoit l'Europe comme un passage, comme quelque chose à apprendre et non pas à étudier.

5. *L'idée-monade*. Les villes sont, à peu près, comme les idées-monades de *L'origine du drame tragique allemand*. Pour Benjamin, dans une interprétation peut-être extravagante du platonisme – qui se trouve aussi au cœur du texte *Sur*

*le langage en général et sur le langage humain*³³, qui explicite le rapport entre idée, concept et phénomène – chaque idée exprime toutes les autres idées. Les villes elles aussi s'entre-expriment dans l'espace et dans le temps. Paris, dans ses ruines imaginées par Hugo, exprime Rome³⁴. On pourrait presque adapter les mots de l'essai sur *Les Affinités électives de Goethe* et dire que, à la différence de leur contenu concret – qui est l'objet du commentateur (en adaptant : du guide touristique, attaché à « une transmission inexacte d'un contenu inessentiel », selon les mots de *La tâche du traducteur*³⁵) –, leur teneur de vérité – dont la détermination est l'affaire même du critique, qui en cela se trouve, comme le traducteur proche du philosophe³⁶ – ne peut être révélée que par celui qui connaît les mécanismes de leur entre-expression³⁷. Celui-ci est, pourrait-on dire, le traducteur des villes, celui qui sait découvrir les métamorphoses des formes et « exprimer le rapport le plus intime »³⁸ entre les villes, en établissant entre elles une « corrélation de vie »³⁹, et cela « à partir de l'histoire »⁴⁰ (d'où la possibilité pour Paris d'exprimer Rome). Dans l'entre-expression, les villes connaissent, comme les œuvres littéraires, leur « développement le plus tardif et le plus étendu »⁴¹. Les villes – on

33 O1: 142 ss.

34 CHB: 122 ss.

35 O1: 245.

36 O1: 255.

37 Sur le rapport entre contenu concret et teneur de vérité, et entre commentaire et critique, cf. *Les Affinités électives de Goethe*, O1 : 274 ss. En développant toujours l'analogie, on pourrait dire que les guides touristiques nous offrent la chimie des villes, leurs cendres, tandis que celui qui détermine leur entre-expression nous révèle leur alchimie, leur flamme vivante (cf. *Les Affinités...*, O1 : 275), « l'harmonie particulière » de leurs « couches naturelles les plus profondes » (*Les Affinités...*, O1 : 288), leurs similitudes cachées (*Les Affinités...*, O1 : 293). L'alchimiste préserve l'aura – l'entre-expression est une forme de faire valoir la tradition –, le chimiste, qui ne vise qu'à communiquer et non pas à traduire, à exprimer, la détruit (sur l'aura et la tradition, cf. *L'œuvre d'art à l'époque de sa reproductibilité technique*, O3 : 276). Ou, en d'autres termes, et en empruntant les mots du Prologue de *L'origine du drame tragique allemand*, l'alchimiste nous présente l'origine « *Ursprung* » des villes, « ce qui émerge du procès du devenir et du disparaître », pas seulement leur genèse « *Entstehung* » ; il travaille à la vérité – à la beauté –, la connaissance est secondaire.

38 *Sur la tâche...*, O1: 248.

39 *Sur la tâche...*, O1: 246.

40 *Sur la tâche...*, O1: 247.

41 *Sur la tâche...*, O1: 248.

30 O1: 245.

31 *Sur le langage...*, O1: 157.

32 O1: 289.

revient ainsi au thème de la ressemblance, ou plutôt de l'affinité - convergent originairement, il y a entre elles, comme entre les langues⁴², une parenté essentielle et non pas superficielle. Elles sont affines. Toujours comme les langues, les villes se complètent - c'est-à-dire s'entre-expriment - « dans leurs intentions mêmes »⁴³. C'est cette entre-expression qui porte garantie de leur survie. À la limite, la tâche de l'entre-exprimeur (si le mot pouvait exister) serait, à l'image de celle du traducteur, celle d'une intégration des nombreuses villes pour former une seule ville vraie⁴⁴, comme si elles n'étaient que des « fragments d'un même vase »⁴⁵, l'essence de la ville.

6. L'Europe et l'ange de l'histoire. Dans *Sur le concept d'histoire*, il est écrit que le « passé est marqué d'un indice secret, qui le renvoie à la rédemption » et qu'« il existe un rendez-vous tacite entre les générations passées et la nôtre »⁴⁶. Mais on connaît l'image célèbre de l'ange de l'histoire, suscitée par l'*Angelus Novus* de Klee : « Son visage est tourné vers le passé. Là où nous apparaît une chaîne d'événements, il ne voit, lui, qu'une seule et unique catastrophe, qui sans cesse amoncelle ruines sur ruines et les précipite à ses pieds. Il voudrait bien s'attarder, réveiller les morts et rassembler ce qui a été démembré. Mais du paradis souffle une tempête qui s'est prise dans ses ailes, si violemment que l'ange ne peut plus les refermer. Cette tempête le pousse irrésistiblement vers l'avenir auquel il tourne le dos, tandis que le monceau de ruines devant lui s'élève jusqu'au ciel. Cette tempête est ce que nous appelons le progrès »⁴⁷. Toutes les villes détruites - toutes les villes brisées d'Europe, pour reprendre l'image antérieurement citée du vase - devraient pouvoir se reconstruire dans une seule ville. Mais l'ange de l'histoire, en dépit de lui-même, l'empêche : la tempête que transportent ses ailes perpétue la destruction, et les décombres des villes d'Europe s'accumulent. Dans *Le Paris du*

42 *Sur la tâche...*, O1: 248, 249.

43 *Sur la tâche...*, O1: 251.

44 Cf. *Sur la tâche...*, O1: 254.

45 Cf. *Sur la tâche...*, O1: 257.

46 O3: 428.

47 O3: 434.

Second Empire chez Baudelaire, Benjamin commente les travaux de Haussmann, qui transformaient le paysage urbain de Paris « avec les moyens les plus modestes qu'on puisse imaginer : des bèches, des pioches, des barres et autres outils de ce genre. Quelle masse de destruction ces modestes instruments n'ont-ils pas déjà provoquée ! Et comme ont crû depuis, avec les grandes villes, les moyens de les raser ! »⁴⁸. Et il cite Paul Bourget au sujet de la vision qu'a eu, un après-midi de 1862, Maxime Du Camp sur le Pont-Neuf : « Il se prit soudain, lui, le voyageur d'Orient, le pèlerin des muettes solitudes où le sable est fait de la poussière des morts, à songer qu'un jour aussi cette ville, dont il entendait l'énorme halètement, mourrait, comme sont mortes tant de capitales de tant d'Empires. L'idée lui vint de l'intérêt prodigieux que nous présenterait aujourd'hui un tableau exact et complet d'une Athènes au temps de Périclès, d'une Carthage au temps des Barca, d'une Alexandrie au temps des Ptolémées, d'une Rome au temps des Césars »⁴⁹. Le rêve de Maxime du Camp est la condition de possibilité même de l'alchimie de l'entre-expression des villes, de leur survie dans une seule ville idéale qui résiste aux tempêtes où l'ange de l'histoire nous plonge, l'alchimie promise par la « faible force messianique sur laquelle le passé fait valoir une prétention » accordée à chaque génération dont nous parle *Sur le concept de l'histoire*⁵⁰.

48 CHB: 124.

49 CHB: 124.

50 O3: 429.